

PUBLICAÇÃO QUINZENAL,  
DE TURISMO, PROPAGAN-  
DA, VIAGENS, NAVEGA-  
ÇÃO, ARTE E LITERATURA

ANO IV

LISBOA, 5 DE NOVEMBRO DE 1919

N.º 81

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA  
PAGAMENTO ADEANTADO

ANO..... 1\$40 || ESTRANGEIRO  
SEMESTRE . \$70 || ANO..... 3\$00  
NUMERO AVULSO 6 CENTAVOS

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO

REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO

SECRETARIO: JOSÉ LISBOA

EDITOR: F. FERNANDES VILLAS

PRÓPRIEDADE DA EMPREZA DA «REVISTA DE TURISMO»

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: LARGO BORDALO PINHEIRO, 28 (Antigo L. d'Abegoaria) — TEL. 2337-C. — LISBOA

## O TURISMO EM PORTUGAL

### E O RESURGIMENTO PATRIO

Não tem sido, felizmente, baldada nem a acção d'esta Revista, nem a sua constante insistencia na defeza da causa a que se dedicou com o maior enthusiasmo e com o mais são patriotismo.

Ao lançarmos a publico, ha perto de quatro anos, a pratica da nossa idéa, traduzida na publicação do primeiro numero da *Revista de Turismo*, uma grande parte dos que nos lêram sorriram-se imbecilmente da nossa... infantilidade; outros acoimaram-nos de utopistas; e os mais atrevidos e de larga previsão... olharam-nos com a indiferença que poderia merecer a realisação d'uma obra sem finalidade.

Não nos importámos com as apreciações que de nós fizeram. Proseguimos atravez tudo e todos, sempre obedecendo á mesma idéa, e hoje, mercê do nosso constante esforço e da nossa persistencia, animada pela fé inabalavel d'um resurgimento patrio, vemos coroada de bom exito toda essa gigantesca obra em que temos empenhado o melhor dos nossos sacrificios. Mas bem empregados teem sido.

A questão do turismo em Portugal é, actualmente, uma questão aberta. Chegou-se, felizmente—não sem grande trabalho da nossa parte, das influencias da Sociedade Propaganda e das sugestões da Repartição Official de Turismo — á conclusão de que a industria da vilegiatura é absolutamente indispensavel para que o nosso paiz progreda e para que a sua abalada e critica situação economica possa encontrar uma proveitosa e solida base de equilibrio.

Inumeros projectos se estão traçan-

do; outros acham-se já em via de realisação.

Tanto nas grandes cidades, como nas das provincias, onde se começou pensando a sério nas vantagens da exploração d'esta industria, se estão



FRANCISCO FERNANDES VILLAS

empenhando as mais decididas boas vontades na constituição de emprezas para a construção de hoteis, para a exploração de outros, actualmente em condições inferiores, para o embelezamento das estancias thermaes e melhoramento das praias e locaes de turismo, a fim de se aproveitar toda a sua capacidade de exploração; para o estabelecimento de rapidos meios de transporte, emfim — n'uma ancia igual á que está despertando o aproveita-

mento das quedas d'agua (outra grande fonte de riqueza nacional), a exploração de minas, a nacionalisação dos transportes maritimos e todas as industrias em que o nosso paiz é fértil.

Estamos, pois, no periodo em que a nação desperta da lethargia que a conduziu ao mais baixo nivel, e se anima para levantar-se do esfacelamento a que chegou, resurgindo com as suas proprias forças — e tantas e tão preciosas elas são!

Todo este movimento, em que vemos empenhados bancos, banqueiros, comerciantes e industriaes, bem como muitos capitalistas, que, assim, vão corresponder á benefica campanha enetada pela imprensa, nos enthusiasma, animando-nos sobremaneira para proseguir na senda que vimos trilhando, ainda com maior esperanza e mais acrisolada fé nos resultados do nosso trabalho.

Hoje, o Turismo é já um problema de magno alcance; amanhã será uma verdadeira instituição nacional com todos os direitos e regalias que legitimamente deve usufruir.

Pena é que tenhamos acordado tão tarde; todavia poderemos ainda recuperar o perdido se não se protelar a realisação dos projectos já estudados e, principalmente, se eles obedecerem ao criterio que deve presidir a empreza de tanta monta, qual é o do estabelecimento definitivo, sob bases criteriosas e debaixo da mais ponderada orientação, da industria do turismo em Portugal.

A *Revista de Turismo*, não pode, pois, deixar de orgulhar-se com os fructos da sua persistente propaganda e constata, com inteira satisfação, o levantamento do grande edificio para que tem trabalhado com o maior enthusiasmo sobre os alicerces cujas pedras ela se abalançou a cimentar.

JOSÉ LISBOA



# A QUESTÃO HOTELEIRA

ANNIBAL REBELLO

A RESOLUÇÃO DO PROBLEMA?

Um facto verdadeiramente doloroso vem hoje enlutar as columnas da *Revista de Turismo*: a morte do nosso querido editor.

A terrível tuberculose, que de ha tempo lhe vinha minando o organismo, apoderou-se ultimamente d'essa debil constituição, de tal forma que, vencedora, levou para o campo santo mais uma das suas inumeraveis victimas.

Assim desapareceu Annibal Rebello, deixando atraz de si um sulco de imperecível saudade entre os seus amigos, principalmente nos que desde o começo d'esta Revista o viram a seu lado, com uma dedicação e um entusiasmo suggestivo.

Bem previa o nosso morto de hoje, que bem empregados eram todos os esforços em que nos empenhámos para dar sêr a esta empresa, que já agora é, sem possivel contestação, um baluarte, uma força inexpugnável na opinião publica, um verdadeiro campeão n'este meio restricto em que vivemos e para que ele tanto trabalhou.

Pobre Annibal! Não poudes vêr os resultados d'essa obra para que contribuiu com a sua constante e mais decidida boa-vontade, com todo o poder da sua intelligencia e com a proficiencia do seu muito saber artistico!

Que a terra lhe seja leve, para que lhe possam chegar as préces que os que trabalham na *Revista de Turismo* — a que ele tanto se dedicou — fazem pelo seu eterno descanso.

A' sua familia, especialmente a sua esposa e ao filhinho, que ele em vida tanto amou, aqui consignamos a expressão do nosso muito pesar.

## A «Revista de Turismo»

Vende-se em HESPAÑA nas bibliothecas das seguintes estações:

*Manzanares, Medina del Campo, Mérida, Madrid e Badajoz.*

E em Paris:

*8, Rue du Helder.*

PELO movimento que se está desenhando no nosso Paiz, parece que se vae entrar no campo das grandes iniciativas na importante e lucrativa industria hoteleira. Esses symptomas animam a nossa esperanza, pois vêmos, com promessas de solução, um tão delicado quanto complexo problema de turismo. Na nossa missão de crear propicio ambiente, cabe-nos elucidar, para que se não julgue que só á força de capitaes se pôde constituir a exploração hoteleira, sobre o que se passa em França e, principalmente, na Suissa, a tal respeito.

E' certo que n'esses paizes, essas instalações são as melhores e mais confortaveis da Europa, tendo custado avultadas somas; mas é certo tambem que ha egualmente pequenas empresas que, por serem modestos empreendimentos, nem por isso deixam de produzir resultados lucrativos.

N'esses paizes muitas pessoas ha que, deixando as suas primitivas occupaões, passaram a directores e a proprietarios de pequenos hotéis, por encontrarem n'esse mister mais proveitosas remunerações. Facilmente se constata em França, como na Suissa e mesmo na Italia, que medicos, advogados e antigos comerciantes se dedicaram á direcção da exploração de hotéis, onde empregam toda a sua actividade e todo o seu saber.

Em Portugal semelhante occupação vae pouco alem do *baixo logar* de dono de casa de pasto, e por isso raros são os que se teem tentado a exercel-a.

Para prova do que citamos basta dizer que a maioria dos nossos hotéis da capital, assim como das provincias, estão subordinados á direcção de pessoas oriundas da Galiza, em geral antigos creados de mesa, ou antigos porteiros de hotel. Alguns portuguezes conhecemos, é certo, que teem posto de lado a sua profissão, para se entregarem á vida hoteleira, e entre esses podemos citar o proprietario do Grande-Hotel, de Faro, ainda ha bem pouco um reputado pharmaceutico; Manuel Casimiro, conhecido cavaleiro tauromachico, mas que dá hoje maior atenção aos hospedes do seu magnifico *Hotel de Portugal*, em Vizeu, do que ás lides taurinas. Qualquer d'estes nossos hoteleiros, sem terem feito tirocinio para esta occupação, estão hoje, se não dizemos — bem seguros da exploração de um hotel moderno, conhecedores

todavia da sua engrenagem, tendo, mercê de uma grande boa-vontade, realisado já verdadeiros progressos.

No nosso paiz está, felizmente, sendo posto de parte, o grande Ideal, de outros tempos: o emprego publico, em que qualquer se julgou garantido para a vida, com uma cadeira de amanuense, rendendo 30 mil reis por mez. Outros novos campos de actividade se estão abrindo por toda a parte, sob o lema de invencível resultado: o Trabalho.

E n'um paiz, como o nosso, em que, desde o ceu, sempre azul, á terra, sempre de impressionante beleza, o turismo ha de ser em breve a fonte da grande riqueza nacional, é o hotel a mais rendosa de todas as industrias.

E' preciso, porém, nacionalisal-a, pois é a portuguezes que compete, não só a sua construção, mas tambem a sua exploração. Isto, porém, tem de ser feito não no simples intuito d'ignobil exploração, mas com criterio e patriotismo. Em França, e principalmente em Paris, a direcção da industria hoteleira está hoje em mãos de francezes, como o está, tambem, no que toca a creadagem e mais empregados.

Não queremos, nem por sombra, que em Portugal se siga o exemplo de França, no que respeita ao procedimento havido para com a criada-gem estrangeira, que após o começo da guerra foi toda irradiada; pois entendemos que o nosso paiz, sempre hospitaleiro, deve continuar a manter a sua linha de facil acomodação á população cosmopolita; mas julgamos que é especialmente a nós, portuguezes, a quem compete a primasia em todos os ramos da nossa actividade, não devendo deixar aos outros aquilo que nos deve pertencer de legitimo direito.

Se não procedermos assim veremos, em pouco tempo, outros tomaram o logar que nos compete.

Sobre o exito dos resultados da exploração d'um hotel, seja onde for situado, não ha que duvidar. Em todas as terras essa instalação tem um campo de acção proveitosa, desde que seja subordinada ao maior escrupulo; e crear em cada cantinho de Portugal um *agasalho e fornecer um bom caldo*, como muito bem disse um notavel poeta portuguez, é como... se se arroteasse um campo abandonado á sua esterilidade.

G. M.



## EM FRANÇA

A NACIONALISAÇÃO  
DA INDUSTRIA HOTELEIRA

**F**ALA-SE, muito, atualmente, em França, da nacionalisação da industria hoteleira. É um problema vasto e complexo, tanto mais que se apresenta d'uma forma particularmente interessante e que urge immediata solução, dada a circumstancia que, depois do inicio da grande guerra, alguns dos hoteleiros estrangeiros estabelecidos n'aquella Paiz, foram internados nos campos de concentração, ao passo que outros passaram as fronteiras, pressurosamente e sem licença, para se incorporarem no exercito inimigo.

O estado de guerra elevou ao primeiro plano o sentimento patriótico, e é a hyperesthesia d'este sentimento, desenvolvido pelas condições do momento, que se deve attribuir certas medidas, taes como a exclusão, dos sindicatos hoteleiros, não só dos estrangeiros, mas tambem dos naturalizados francezes, contra os quaes se invocou simplesmente a sua origem austro-alemã.

Durante a guerra, em França, como, de resto, tambem ocorreu nos paizes visinhos, organisaram-se agrupamentos pela totalidade das associações hoteleiras de cada paiz. Ali, a Camara Nacional da Hotelaria Francesa serviu de federação de todos os sindicatos hoteleiros d'essa nação. Em Inglaterra esse papel foi desempenhado pela «Incorporated Association of Hotels and Restaurants». Na Italia, a mesma ação concentrou-se na «Società Italiana degli Abergatori»; e, finalmente, na Suissa, a Federação Nacional da Hotelaria Suissa, chamou a si a congregação dos industriaes hoteleiros.

Em todos estes agrupamentos se pronunciou, logo de começo, uma tendencia nacionalista, reconhecida a tal ponto que, em França, um projeto de lei sobre a nacionalisação da industria hoteleira, foi entregue á apreciação do grupo parlamentar do turismo e de hotelaria da Camara dos Deputados, sob os auspícios da Camara Nacional da Hotelaria Francesa. Em Inglaterra, paiz que sempre dispensou o melhor acolhimento a todos os estrangeiros, discutiu-se já o projeto de lei, concedendo unicamente aos nacionaes a exploração e todos os serviços da industria dos hoteis, até á concorrência d'uma décima parte dos interessados estrangeiros. Na Suissa, onde a hotelaria alemã estava largamente representada, a Federação Nacional da

Industria Hoteleira impoz a todos os seus membros activos a obrigação de serem suissos d'origem, e a só permitirem, tanto nas empresas exploradoras d'essa industria, como nos serviços de que ella depende, agentes de igual proveniencia.

Do mesmo modo se restringiu a capitalisação das sociedades exploradoras de hoteis, de forma a só se consentir que os capitaes estrangeiros n'elas figurem apenas n'um simples terço. Comtudo, a maioria absoluta do capital representado nas respectivas assembleias geraes, deve ser suiso.

Do mesmo modo se restringiu a capitalisação das sociedades exploradoras de hoteis, de forma a só se consentir que os capitaes estrangeiros n'elas figurem apenas n'um simples terço. Comtudo, a maioria absoluta do capital representado nas respectivas assembleias geraes, deve ser suiso.

A industria hoteleira é o complemento mais directo do turismo; e hoje o turismo estrangeiro, industrialmente organizado, é reconhecido como a fonte de mais proveitosos resultados para a economia nacional.

Foi pelo turismo que enriqueceu a Suissa. Em França, os beneficios d'essa portentosissima industria constituiram já um importante e forte elemento das receitas, antes da guerra. Por isso, ali se prepara tudo, rapida e praticamente, para que essa industria reentre breve na sua plena laboração a fim de fazer a drenagem, para os exhaustos cofres, do ouro que lhe é indispensavel reaver para desenvolvimento das suas prosperidades, e que tem de ser levado na bolsa dos turistas.

Deve-se, porem, não só classificar de "turista", o que viaja por prazer, mas, igualmente — n'uma aceção geral — o homem de negocios, que, segundo os calculos já feitos, é o melhor conductor do dinheiro estrangeiro, porque as suas despesas são sempre superiores ás d'aqueles.

Em virtude d'estas razões, o Touring-Club de France e a Repartição Official de Turismo impuzeram-se o dever de estimular todas as iniciativas para o bom resultado da luta, em que estão empenhados, da rapida reorganisação industrial do turismo estrangeiro em França.

Ora, esta reorganisação abrange implicitamente a especialidade relativa á industria hoteleira que, para ser

absolutamente benefica aos interesses d'aquella nação, como agente colector e distribuidor d'uma parte consideravel da riqueza publica, tem de ser unica e simplesmente nacional.

Um hotel estrangeiro em qualquer paiz, é a celula inicial d'uma colonia estrangeira n'esse paiz, pois que o proprietario, administrador ou director tem o cuidado de escolher para o seu serviço, os patricios ou compatriotas que lhes facilitem a exploração da sua industria e a arrecadação egoista dos seus resultados. Alem d'isso, tudo quanto fôr preciso ás exigencias d'esse negocio, será de preferencia, importado da nacionalidade do hoteleiro, que nunca perderá a oportunidade de indicar aos hospedes as casas commerciaes ou industriaes dos seus compatriotas para a realisação de transações.

D'esta sorte, uma grande parte do necessario ouro, em metal sonante, em vez de ficar no paiz, apenas transita por ele, como meio de acesso á origem do hoteleiro.

Todas estas considerações se apresentam d'uma forma tal que por si só obrigam a nacionalisação em França da industria hoteleira. Todavia, é um caso em que deve haver toda a previsão e a maior moderação, para não a afectar com exageros que podem colidir com interesses em que o internacionalismo não pode ser um prejuizo, antes um beneficio. Isso, porém, só poderá ser regulado por uma *entente* entre os grupos que representam a hotelaria dos diferentes paizes.

## F. FERNANDES VILLAS

**A**SSUME, hoje, o cargo de editor da *Revista de Turismo*, o nosso muito estimado e querido amigo sr. Francisco Fernandes Villas.

O nosso novo editor, que já por diversas vezes tem inteligentemente colaborado n'esta Revista, é um grande apaixonado pelo turismo nacional e, por isso, um sincero admirador da nossa obra, a que tem prestado um verdadeiro culto. Assim se explica o entusiasmo com que acolheu o convite que lhe fizemos; e certamente, a sua mais directa colaboração n'esta empresa dará ensejo a que se possa justamente avaliar os seus preciosos dotes d'inteligencia, as suas primorosas qualidades de espirito e as suas prodigiosas faculdades de trabalho, que muito nos tem encantado no convívio intimo que a aproximação d'ideias nos tem proporcionado.

Felicitando-nos, pois, por este facto, é com o maior agrado que apresentamos aos leitores da *Revista de Turismo* o seu novo colaborador.



## ARTE E LITERATURA

## CEIFEIROS

POR FIALHO D'ALMEIDA

Conclusão do n.º 80

Como é o tempo das roças, dos lunaréos d'esteva, ao longe, pelos montes, erguem-se columnas de fumo pardo, muito altas, completamente imóveis, redondas e direitas, avultando no deserto como troncos e escabeleiradas lá em cima, n'alguma zona d'ar onde inda corra viração. Para fóra dos bordos de vaso das montanhas, não se ouve nada; o socego e a solidão dominam tudo. Dentro do vaso, na seara secca, mar de pavêas sem marés, crepitante lençol de mèses loiras, oppressos, congestionados, sorvendo o ar rarefeito com medonhos esforços de claviculas, haustos agonicos, e verdadeiros rios de suor no torso latejante, os condemnados ceifeiros lançam a foice, e a palha estála, os mólhos vão cahindo nos regos, em fitas regulares e paralelas, que o menageiro acama e junta, formando mólhos maiores, atando-os com a mesma palha n'um gesto violento de torsão, e atirando-os para outro, que os enfeixa afinal em roleiros de doze a dezaseis, d'espigas para o ar, como cornucopias d'abundancia. Elles não fallam, toda a energia animal consumida no tumulto de abrir e fechar o thorax ao oxigenio atmosferico; — assopram! e alguma palavra a dizer, na bocca se lhes secca, apenas solto n'um gemido, o monosyllabo primeiro.

Dez, onze horas... o thermometro subiu a 48 e 50, e o zangarreio das cigarras, prenuncio do terrivel meio-dia, a principio disperso, agora multiplica-se n'um unisono de milhões e milhões de gritos roucos. Aquelles ruidos fazem um marulho agudo pelo campo, parecendo, não vóz d'insecto, mas uma supplica geral, da terra devorada, ao sol feróz. Elles vêm de todos os pontos do horizonte, e pelo caminho sommam-se aos que tótam, incham no ar, trepidam, centuplicam de furia e resonancia, vão, vêm, ondulam, generalisam-se, ensurdecedores, constantes, allucinantes. ora num chôro, ora em zumbaia, ora em chacóta; e de cada vèz que o suão abre a guela para extinguir a vida e enconxarrar as folhas das arvores, mais teimoso, intenso, aquelle marulho maldito desagrega a sua pulsação de loucura isochrona com o delirio do cerebro, a febre do pulso, e o arfar desesperado do peito, á cata d'ar. Desde esse instante a vida normal, physiologica, do ceifeiro, é impossivel, e entra-se numa flagelação, donde a poder de teimas a resistencia vital produz, no meio do trabalho, allucinações de sentidos e deliquios. Sob a direita e intoleravel flamma do sol, perdeu-se a sombra, mas o calor não é só do sol, senão concentrado, suffocante, em braza viva, radia de tudo, céga, deslumbra, exhala-se de tudo, como se dentro de cada coisa houvesse um fóco directo, incandescente. Tocar um ferro, uma pedra, uma raiz, um caule, é dar um grito de dôr pela queimadura horrivel do contacto. A luz é tanta, tão reenviada de tudo, que os olhos chamuscados perdem a noção das fórmas e dos planos; de sorte que a paizagem torna-se obscura, e os objectos deixam d'existir pela

vista real, uniformisando-se as quatro cores da paizagem. em uma unica, a côr do vacuo, que é fulva, ardente, deslumbrante, irradiante, feita de picadas, d'estalidos, d'asphyxias, de blasphemias! Tudo crepita, arvores, terra, ferros, rochas' animaes; faisca tudo; e a natureza toma um tom de martyrio, perante o qual, attonito, o proprio homem esquece as suas dôres. Meio-dia, a hora da sésta emfim! O manageiro faz o signal: *Louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo!* quando já, automaticos, os desgraçados deixam a foice, em troposgalhapos, á procura d'um canto onde cahir. Sombras, aonde? O sol devora o ar; o thermometro ao sol faz 50 graus completos, temperatura das primeiras vinte leguas d'areia do Sahara; nos bordos do horizonte o céu parece estúpido, baço de pó, d'um azul trepidante no zenith; e por mais que se contemple o quadro diabolico, feito de sol, de banalidade, de malevolencia e de grandeza, impossivel encarar sem pavor essa desmesurabilidade de linhas, esse vasio espaço, essa nudez da terra côr de cinza, extenuada n'um estúpido sem outro igual. Mas o que elles querem é abandonar-se, cahir prá'li, seja onde fôr. Alguns tiram a roupa encharcada e fetida do suor, e entre as estevas, immundos, nus, tombam de bruços, deslumbrados, incapazes d'um esforço, flacidos, com a inquietação sinistra da hora, um peso de cerebro que parece a cabeça rebentando do craneo, inchada de calor, e revolvendo sem appetite os alforges, com o paladar encortificado, o pão sabendo a terra, a agua a caldo, a bocca a lodo — e uma ancia de dormir, atrás, complicada do terror de ficar ali na primeira lethargia.

Dormir! tortura nova, a mais maldita e a peor que os estortéga. Fecham os olhos, amadornam, mas os sentidos exasperados da luz continua, pia-fam na allucinação como cavallos de ciganos bebidos d'aguardente. Ao ouvido, o zumbir das verejeiras e atabões dá-lhes a illusão do falazar de muita gente, e vèzes sem conta se erguem para apartar facticias guerreias. As mesmas desordens no olfacto, onde o simples travo do feno aquecido se lhes exagera na pituitaria por modos de lh'a illudir co'as asphyxias d'um incendio; e calcula-se o sobresalto, sabendo como os fogos sejam, n'aquella região sem agua, o ululante dragão devastador! Mas allucinação torturante é a da vista. Ficou-lhes no cerebro uma claridade que se refracta atravez do somno, e faz das palpebras stores escarlates; de sorte que, mesmo dormindo, os ceifeiros não cessam de sonhar intensos sóes, de vèr no campo dos olhos fechados, moscas de fogo, phophenas, reverberos e instantaneas auroras boreaes... Ao cabo d'algumas horas deste estado congestivo, o desejo das trevas toma um character d'ancia adusta, e é neste momento que a impaciencia faz pruridos na pelle, e prepara aos moscardos occasião de exhaustinarem melhor o paciente. As cegueiras periodicas são tambem, nestas occasiões de trabalho, frequentissimas, e derivam da affluencia de sangue á base do cerebro. da acção persistente do levante, e da fadiga emfim dos nervos visuaes. Começam por vislumbres, vendo-se tudo subitamente amarello de fogo, ou azul, que se accentua com uma zoeira d'ouvidos, té que no fim de cinco minutos é abolida a discriminação das fórmas, e fica apenas uma noção de nevoa, onde se movem sombras indistinctas...



## CARTAS DE PARIS

### A neve em Paris — A Praça da Concordia e os Campos Elysios — Espectaculo incomparavel

**H**ONTEM foi o primeiro dia de neve, em Paris. Mas que neve! As ruas, os telhados, as janelas, tudo enfim, estava coberto de branco, em grossos flocos, de tal maneira espessos, que a circulação dos electricos teve de paralisar e a dos parisienses foi apenas para os audaciosos. Todos enfiavam para o Metropolitano, que, dentro das suas vastas carruagens, comprimiu, quasi estrangulando, a massa enorme de gente que, fugindo á neve, procurou esse meio de transporte.

Ruas havia em que a camada atingiu mais de meio metro de altura, e n'algumas janelas a aglomeração de gelo era tanta que ninguem ousou abri-las, com receio de vêr a casa invadida por essa massa de espuma gelada, que jámais Lisboa conseguiu mostrar sobre as suas graníticas calcadas.

Eu fui um dos audaciosos que, após o almoço, sahiram de casa. Tentava-me vêr esses Boulevards, os Campos Elysios e o Bois, onde a neve devia ter como que desenhado scenarios siberianos.

Bem provido d'agasalhos, sahi de casa, fazendo signal a um «omnibus» que n'esse instante passava. Quiz vêr-lhe a taboleta; inutil, porém, o meu esforço, pois toda a frontaria do carro, desde o motor ás barbas do *chauffeur*, estava coberta de neve, d'esses farrapos brancos que sem piedade continuavam cahindo, imperturbaveis e tristes.

Deixal-o; fosse para onde fosse. Subi, e pedi um bilhete inteiro. O revisor annunciou, então, olhando com tristeza através as vidraças, que o carro talvez não passasse da Praça da Concordia, ou, quando muito, iria até aos Campos Elysios.

— *Cela n'est bien égal* — respondi ao homem, que me considerou com estranheza, e retorquiu:

— *Mais si l'omnibus, ne sotira pas de la neige... Vous resterez?*...

Devo acrescentar que eu era o unico passageiro do carro; e n'aquelle momento, recordando Bartholomeu Dias, dobrando o grande cabo, concitui:

— *Ça ne fait rien.*

O bom-homem, á vista da minha audacia, retirou-se, pensando talvez

que eu era um simples maluco e que com doidos não se deve discutir.

Mas o que eu queria era gosar esse spectaculo incomparavel da neve, fazendo vergar os arvoredos altos dos Campos Elysios. A volta de lá erame bem indiferente.

Mas o carro foi rolando, mercê do caminho aberto, ás grossas pásadas, pelos empregados da camara; e assim lá fomos, *boulevards* fóra. Na Magdeleine, bem como na Rue Royale... ninguem. Nos cafés, onde a luz baça lembrava o aspecto das lojas provincianas de comercio, destacavam-se os moços olhando a rua, de guarda-napo sobre o braço, á espera de freguezes, que não vinham. Analisei esses tipos, verifiquei que eles tem a resignação dos passageiros pacientes nas «gares» tristes, quando o comboio traz trez horas de atrazo. E' uma conclusão a que me obrigou a filosofia parisiense, embora não seja muito dado a questões filosoficas...

O «omnibus» que me conduzia foi rompendo lentamente e, dentro em pouco, entrava com ar festivo na Praça da Concordia, e dobrava glorioso para os Campos Elysios, qual Vasco da Gama esquinando o Cabo das Tormentas. Ali, o spectaculo era incomparavel, de brancura e de beleza. Tenho visto telas siberianas, mostrando campinas com arvoredos vergados ao peso dos grandes flocos de neve; tenho apreciado, tambem, casas de campo toldadas de branco, por onde fumo delgado da chaminé cosinheira se escapa, voando difficilmente pela densa atmosfera; mas o que ainda eu não vira, era uma praça, uma avenida ajardinada, com arvoredos alto, talhada em cantões e palacios feudaes de avantajada architectura, cobertos de neve, parecendo que ela se acomodara ás exigencias da boa arrumação, de forma que o que me parecia vêr, a esmo, eram largos e folhados doces de Natal, em que mãos femininas trabalharam; d'esses doces imitando nuvens, feitos de claras d'ovo, da deliciosa guloseima nacional!

E a neve cahia, cahia, sem despegar. As honradas barbas do guarda-freio já se pareciam com a do velho do Natal, que as creanças com entusiasmo penduram dos pinheiros,

iluminados na sala de jantar. Aqui e alem, um timorato rompia pela neve, ora cahindo, ora levantando-se, indifferente aos flocos que lhe fustigavam a face e aos torrões que, dos ramos pendentes, tombavam continuamente.

Na Avenida de Montaigne, a nevada tomou proporções gigantescas, ninguem sabendo se as lojas eram primeiros andares, porque a camada nivelava a rua toda.

Ali lembrei-me de indagar para onde o carro ia; tinha-me já esquecido de perguntar; o revisor disse que iamós até ao Campo de Março, onde depois pude vêr o Trocadero elevando-se entre nuvens, e a Torre Eifel emergindo d'um grande lago de neve.

O revisor veio annunciare que tinha que descer; e á tôa, sem saber bem por onde, meti pela neve fóra, bendizendo a Natureza por tão admiravel spectaculo, e o progresso que me dera por 10 francos e 45, um magnifico par de galochas... para melhor gozar ainda as belezas naturaes.

□□□□

Meia hora de trambulhões acrobaticos e de extravagante caminhada pela neve, ao fim da qual cheguei junto d'uma estação do Metropolitano, a que desci, para voltar rapido a casa, onde a alta chama do fogão semelhante á lareira da serra distante, me despertou e reanimou para conversar com os meus quatro leitores...

Paris, novembro 1919.

GUERRA MATO.

□

## EXPEDIENTE

**Aos nossos assignantes, que foram avisados para pagamento dos recibos de assignatura que, pelo correio, enviámos á cobrança, e que não satisfizeram a respectiva importancia, rogamos a extrema fineza de nos enviarem, em vale do correio ou selos, a quantia correspondente, afim de nos evitarem novas despesas de cobrança pela mesma via, que hoje são quantiosas.**

**Aos nossos novos assignantes muito lhe agradeciamos tambem, pelo mesmo motivo, a remessa para a nossa Administração, Largo da Abegoa-ria, 28, Lisboa, da importancia correspondente á assignatura d'um semestre, ou seja 70 centavos.**



## CONSELHO DO PATRIMONIO ARTISTICO

Por decreto de 29 d'outubro ultimo foi creado pelo Ministerio das Finanças uma instituição chamada «Conselho do Patrimonio Artistico» que funcionará junto da Direcção Geral da Fazenda Publica e que exercerá as funções de consultor sobre a distribuição, apropriação, destino, reconstrução e restauro dos bens moveis e imoveis de valor historico artistico ou archeologico que estão ou venham a estar na posse e administração do Ministerio das Finanças.

Ora, quem leu esse decreto — que não tem força de lei — e não saiba como o assumpto tem, até aqui, sido regulado, ficou certamente julgando sêr essa uma medida de boa administração, em que o espirito conservador do actual titular da pasta das Finanças foi praticamente posto á prova; e, assim, intimamente, não lhe regateou o seu aplauso.

Mas nós, que não desconhecemos os meandros d'esse gesto ministerial, é que não podemos deixar de fazer o nosso reparo, porque ele, alem de manifestar uma ignorancia completa da parte de quem tem a responsabilidade d'esse decreto, ou o simples desejo de arranjar mais nichos para albergar os seus insaciaveis amigos (e a fatia está já talhada a contento do interessado), vem lançar n'uma grande confusão um serviço que estava legal e regularmente montado e que tem sido exercido com a maior competencia por proficientes autoridades que constituem o Conselho de Arte e Archeologia, d'entre as quaes destacamos os srs. dr. José de Figueiredo, D. José Pessanha, José Queiroz, etc.

Este Conselho foi instituido por um decreto com força de lei, sendo-lhe exclusivamente confiadas as mesmas funções que foram agora atribuidas ao novo Conselho do Patrimonio Artistico.

Em que situação fica, pois, o primeiro Conselho?

E' destituido por um simples decreto sem força de lei?

Quaes são as suas novas atribuições e a que campo se limitam?

Continua na mesma?

E como?

Enche-nos de tristeza constatar o pavoroso estado de... falta de criterio que tem sido a divisa dos nossos governantes. Não ha seriedade, não ha sciencia, não ha discernimento,

como não ha a hombridade indispensavel para só se atender ao bem do Paiz, desprezando-se as nefastas influencias politicas e a insaciedade das clientelas.

Ao sabor d'estas e ao seu apetite voraz, fora de todo o sentimento das proporções, é que se atende com o mais solícito cuidado.

Procura-se apenas destruir, confundir, embarçar; não se faz por reedificar, por facilitar o exercicio de qualquer missão, por tornar pratica e viavel qualquer patriótica ideia.

Mau caminho este, que parece não ter fim.

## EM ESPANHA

### A INDUSTRIA DO TURISMO

AINDA, ha bem poucos anos, o paiz visinho era o pesadelo dos turistas, atravez das suas vias ferreas, e o enervamento d'aqueles que, por necessidade, tinham que pernoitar nas suas «pousadas».

Viajar em Hespanha era a visão temivel. As carruagens desconfortaveis, os comboios que nunca chegavam, os hoteis onde se sentia o arrotar móle dos eclesiasticos, depois das grandes libações, etc., faziam exclamar o viajante sahido de Paris, ao atravessar a fronteira, a sacramental phrase: *vamos ao martirio!*

Martirio esse que só findava quando transpunha Vilar Formoso ou Marvão.

Madrid até então era pouco visitada. As suas ruas mal calçadas, o desconforto das casas durante o inverno e o calor asfixiante no estio, eram pouco tentadoras recomendações para lhe atrahir forasteiros.

As proprias feiras de Badajoz e de Sevilha, as suas celebres touradas e as festas de Santo Izidro, assim como as suas praias — hoje notaveis — de S. Sebastião e Santander, não atrahiam mais do que a população indigena. Poucos estrangeiros se abalanchavam a entrar n'aquelle paiz só por esses motivos.

Hoje, porém, tudo mudou, mercê d'uma energia comum. A Espanha é actualmente um paiz de turismo por excelencia. As «posadas» e «paradores» imundos deram lugar aos melhores hoteis da Europa; os com-

boios ronceiros, com carruagens a desfazer-se aos bocados, foram substituidos por rapidos, marchando á tabela; e as almofadas das carruagens são mais alguma coisa do que as antigas enxergas que, com o peso do passageiro, vomitavam o recheio.

As companhias do Norte e de Saragoça, introduziram, nos ultimos anos, tal série de melhoramentos nos seus caminhos de ferro, que permitem hoje fazer o melhor serviço ferroviario da Europa. E se não fosse a maldita guerra, que impediu o desenvolvimento de tudo o que fosse estranho ás suas necessidades, estas duas poderosas companhias de caminho de ferro teriam completado, d'uma maneira notavel, o seu programa de melhoramentos, que, dado o estado deploravel como ha anos se fazia a sua exploração, podia chamar-se colossal.

No que toca á industria hoteleira, o seu progresso é assombroso. Em Madrid, nos ultimos seis anos, abriram-se três hoteis verdadeiramente importantes: o *Ritz*, *Palace Hotel* e o *Roma*, tendo o segundo d'elles 800 quartos, todos com casa de banho. Isto á parte outros pequenos hoteis que foram recentemente instalados na vizinha capital.

Em S. Sebastião, em Santander, em Vigo, em Sevilha, em Valencia e outras cidades secundarias existem tambem hoje hoteis a que se pode chamar um agrupamento de elementos de turismo, de grandissimo valor. Isto, é claro, não falando em Bar-



celona, onde a industria hoteleira é alguma coisa semelhante á de Madrid.

Por estes motivos, a Espanha é hoje um paiz de turismo de tão elevada importancia, que nunca a phantasia dos optimistas poderia conceber.

Tem-se erradamente suposto que o nosso movimento turistico obedece sómente á questão America do Sul-Paris, e que podemos estar isolados da nação vizinha.

Erro, grande erro, que só uma insensatez obtusa o pode aceitar.

E' certo que a situação admiravel do nosso caes da Europa nos dá grandes elementos de vida; e mais nos dará quando a via directa Lisboa-Salamanca-Paris estiver em condições de assegurar um serviço extra-rápido entre o Brazil, Paris e Londres, em continuação da via marítima.

Mas como nem só de viajantes apressados vive o turismo, torna-se preciso que de Lisboa irradie diaria-

mente, comboios rapidos para Madrid, para Sevilha e para Vigo com horarios a gosto dos passageiros, pois são eles que pagam e por isso mesmo deve-se mais satisfazer os seus caprichos do que os dos empregados dos caminhos de ferro.

Dois outros elementos completariam esta obra: bons hoteis em Portugal e uma activa e bem orientada propaganda em Espanha.

No que respeita a hoteis, parece-nos que não seremos phantastas se dissermos que entrámos na verdadeira phase das realisações, pois outra coisa se não depreheende do movimento que agora se está operando em Portugal. A boa propaganda, seu complemento natural, facilmente produzirá os seus fructos em vista da patriótica obra que a Sociedade Propaganda está desenvolvendo no estrangeiro.

A caminho, pois.

F. VILLAS.



## CARTA DA BELGICA

Bruxellas, novembro 1919

**T**ROUXE-ME á Belgica a obrigação do bom turista e o egoismo dos que nunca saciam os seus desejos de gozar, de apreender, de se instruírem, emfim, em todas as ocasiões que o acaso lhes proporcione essa satisfação. Assim vim parar a Bruxelas, e d'aquí lhes vou dizer alguma coisa, sobre, principalmente, o que pode interessar aos leitores da nossa Revista.

Por ocasião do primeiro congresso de Gynecologia das Sociedades da lingua franceza, que ultimamente se realizou em Bruxelas, a Comissão organisadora do mesmo congresso teve a feliz ideia de proporcionar aos seus inumeros hospedes uma interessante visita a uma parte da Belgica devastada pela furia allemã: a região do Yser; e, assim, preparou um cuidadoso programa de forma a que os congressistas pudessem, com as maiores comodidades, apreciar todo esse vasto campo onde se desenvolveu um dos mais lacinantes dramas da grande guerra.

Foi Bruxelas o ponto de partida.

A's 5 horas da manhã nos reunimos na *gare* do caminho de ferro, onde todos os congressistas tomaram logar n'um semi-expresso que nos conduziu a Ostende, onde já nos esperavam os autos que haviam de nos transportar aos campos da famosa batalha, em que o sempre heroico exercito do rei Alberto, ajudado poderosamente pela infantaria de marinha do comando do almirante Bonarch, conseguiu fazer frente á selvagem e brutal investida alemã. Que panoramicas visões, mixto de surpresa, de odio, de tristeza, se nos depararam!

Que espectáculo tão doloroso á vista, esse que pudémos apreciar e que nos trouxe ao pensamento a tradução da amargura sofrida por este heroico povo durante quatro longos anos, em que mais estoicismo não havia para se pôr á prova!

Não ha, em todas as historias de todos os povos, nada comparavel com o exemplo, verdadeiramente unico, que os belgas deram á humanidade.

Só visitando as suas cidades e os seus campos; só ouvindo as descrições dos horrores passados por este

povo desde setembro de 1914 a novembro de 1918, em que ele se achou por assim dizer dominado pelo jugo ferreo da vontade kaiseriana, se pode avaliar o quanto a Belgica padecceu, soffreu e se martirizou com a resignação simplesmente acalentada pela esperança d'um dia de proxima gloria!

Durante aquele calamitoso periodo este delicioso paiz esteve sempre sob o pesadelo da metralha devastadora, que arruinou casas, desmoronou monumentos, revolveu as terras, na mais brutal das insanias. Em toda a parte ha um vestigio d'essa impiedade; todos guardam, alem da mais preciosa das lembranças, uma recordação duplamente significativa d'esse periodo em que os belgas — como nenhum outro povo — deram a mais frisante prova do que vale a sua preciosa educação, erguida nos alicerces do amor patrio e da sublime fé na Providencia divina.

A visita iniciou-se por Ostende. A sua estação de caminho de ferro é a mais simples revelação do periodo guerreiro. O pavimento está quasi completamente destruido; a cobertura acha-se desfeita; os telheiros dos diversos caes estão uns tortos, outros cahidos, mas todos com os visiveis signaes da mortifera metralha, que tambem assignalou o seu dominio nas paredes e nos compartimentos interiores da *gare*.

Sahimos da estação, e os automoveis conduziram-nos a Mœuvre, onde foi instalado o celebre canhão «dicke Bertha», que bombardeou Dunkerque. Essa instalação foi feita entre um bosque, não muito espesso, mas todavia sufficiente para mascarar essa posição aos olhos indiscretos dos aviadores que, em vão, tentaram descobri-la.

O seu abastecimento fazia-se por uma linha ferrea especial construida pelos alemães, cujo termo ficava á distancia sufficiente, para não fazer descobrir o verdadeiro logar onde a famosa peça se encontrava. N'um outro ponto achava-se uma falsa peça para engano dos aliados, que sobre ella atiravam enorme quantidade de metralha, sem, contudo, incomodarem a que mortiferamente continuava arrazando o sympathico porto de Dunkerque.

Este «Bertha» era de invulgar dimensões, vendo-se apenas exteriormente o colossal cano, pois que o resto se achava abrigado por uma vasta e larga couraça.

Rodeado d'um fosso, recebia d'uma instalação propria a energia electrica para as suas manobras. A guarnição achava-se alojada nos subterraneos



d'um parapeito em beton armado que circundava toda a peça.

Conta-se que, no momento da retirada, os alemães, não podendo transportar esse seu famoso canhão, pensaram em destruí-lo, fazendo rebentar no parapeito o seu ultimo obus, na esperança de que saltasse a peça; porém, apenas o parapeito cedeu, como mostra uma larga abertura em um dos seus pontos, ficando a peça intacta.

Seguimos de Moetvre para Keyem, que foi a unica vila que não sofreu as calamidades da guerra. Mas a partir d'aqui é difficil encontrar-se uma casa só que seja, que não tenha bem marcados os vestigios do assedio germanico. A devastação e as ruinas augmentam á medida que se chega a Poelcapelle et Ypres.

Toda a caravana se extasiou ante o espectáculo oferecido pelas ruinas de Beerst, de Vladslou, de Clercken, perto da pequena colina occupada pelos *boches*, que ali dispuzeram uma forte bateria, protegendo o observatorio por eles instalado no mesmo sitio.

Alguns kilometros mais longe, vimos o lugar onde era a floresta d'Houthoult — nome que tristemente evoca os mais terriveis combates. Das arvores ali existentes, apenas pequenos e isolados troncos se vêem como singelo signal d'esse campo onde jazem milhares de vidas sacrificadas pelo mais nobre dos sentimentos.

De Houthoult nada existe a não ser a mais pungente recordação.

Entre Poelcappelle e Saint Julien, examinámos o que pode bem chamar-se o cemiterio dos «tanks». Mais de vinte d'esses aparelhos guerreiros estão para ali, abandonados por inúteis, uns voltados, outros meio enterrados no solo, como resto d'uma esquadriha que n'aquelle ponto foi surpreendida e quasi destruida pelo terrivel fogo da artilharia alemã.

Que pavorosa agonia seria a dos tripulantes d'esses engenhos!!!

Como esta lá vae longa, proseguirei, n'um proximo correio, este relato, que apenas representa uma palida tradução das impressões sofridas.

J. C.

## NOTÍCIAS DIVERSAS

### PORTUGAL

#### Grande Hotel de Vila do Conde

Foi já submetido á aprovação do Ministerio do Comercio o requerimento e respectivo projecto para a construção do grande hotel que a Sociedade Praia de Vila do Conde, Limitada, deseja erigir n'aquella interessante estância balnear.

A constituição d'esta Sociedade é de recente data, sendo os seus fins não só o desenvolvimento da bela praia de Vila do Conde, como influir, com a sua quota-parte, no desenvolvimento do turismo no Norte de Portugal.

#### Iluminação dos comboios

Na linha de Cintra restabeleceu-se já, em alguns comboios *tramways*, a iluminação das carruagens pelo gaz por incandescencia, o que causou o maior agrado no numero publico que diariamente se utiliza dos mesmos comboios.

Aplaudindo com enthusiasmo essa medida, fazemos votos para que ela, dentro em breve, se extenda a todos os comboios da Companhia Portugueza, principalmente aos de longo curso, onde é fastidioso fazer-se uma viagem de noite, alumiado simplesmente com uma lamparina que nem sequer permite vêr-se a cara do companheiro da frente.

#### Porto Comercial do Sul do Tejo

O Conselho d'Administração do Porto de Lisboa, consultado sobre o projecto da construção do porto comercial na margem sul do Tejo, emittiu já o seu parecer favoravel, tomado por unanimidade.

Segundo o mesmo projecto, n'essa construção estão comprehendidas grandes docas e estaleiros, planos inclinados, etc.

Se este melhoramento for levado a effeito, é possivel que, n'um curto praso de tempo, a sua benéfica influencia se faça grandemente sentir na margem norte do nosso formoso rio.

#### Melhoramentos na «Costa Dourada»

Por portaria de 4 de junho de 1918, foi nomeada uma comissão para estudar os trabalhos e emprehendimentos a realizar na zona de terreno entre o Caes de Sodré e Cascaes, com o fim de facilitar o desenvolvimento do turismo.

Como, porém, se projecta, com o mesmo fim, realizar na Praia do Guincho e terrenos circumvisinhos, melhoramentos que sejam a continuação d'aqueles; e que, para dar facilidades ao turismo, se torna necessario atender ás ligações, por estradas, d'essas

mesmas localidades; determinou o Governo, por portaria do Ministerio do Comercio de 1 de Novembro, que o estudo incumbido áquella Comissão abranja tambem os trabalhos e emprehendimentos a realizar na zona comprehendida entre Cascaes e a Praia do Guincho e sua ligação com Colares e Cintra.

#### Sociedade Propaganda de Portugal

Na Secretaria d'esta Sociedade já se acham á cobrança os recibos das quotas de 1920, onde os socios os poderão requisitar das 12 ás 17 horas, até 15 de janeiro do proximo ano.

### FRANÇA

#### Companhia Franceza de Turismo

Acaba de constituir-se em Paris, sob os auspícios da Repartição Official de Turismo, a *Companhia Franceza do Turismo*, que tem como presidente Monsieur Paul, Director da Companhia dos Caminhos de Ferro do Midi, e como vice-presidente Monsieur Dal Piaz, Director da Companhia Transatlantica.

A sede social d'esta nova Companhia é no Boulevard des Capucines, em Paris, onde se centralisa toda a organização das viagens dos estrangeiros em França.

Numerosas sucursaes serão espalhadas por todo o continente francez, habilitadas a prestar o maior concurso e as possiveis facilidades aos turistas.

Esta nova instituição preocupar-se-ha muito especialmente com a edificação d'um hotel e d'um restaurante na zona devastada, assim como da circulação dos visitantes sobre toda a linha da frente, por meio de acampamentos e d'um serviço d'automoveis que permita as maiores comodidades.

#### Visita ao campo d'Ypres

A Companhia do Caminho de Ferro do Norte da França, de combinação com a Sociedade dos Auto-Mails, acaba de estabelecer um serviço especial que permite aos visitantes, partindo de manhã de Paris, irem ao campo da celebre batalha d'Ypres e regressarem á capital na noite d'esse dia.

O itinerario que se segue é pelo caminho de ferro de Paris a Lille, e d'ahi em *auto-mails*, por Armentières, Bailleul, região dos Monts, Mont Kemmel, Ypres, Bosque de Hoogue, cemiterio dos Tanks, Gheluvelt e Menin, voltando-se por Lille a Paris.

O preço d'esta viagem, incluindo o serviço d'automovel, é apenas de 110 francos em 1.ª classe e de 93 frs. e 50 em 2.ª, sendo os bilhetes fornecidos na «gare» central do Norte.

# BANCO COMMERCIAL DE LISBOA

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Capital realiado 4.000.000\$

SÉDE: RUA DO COMMERCIO, 102

CORRESPONDENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO PAIZ E ILHAS, E NAS PRINCIPAES PRAÇAS ESTRANGEIRAS, SOBRE AS QUAIS TOMA E FORNECE SAQUES, DÁ ORDENS TELEGRAFICAS E CARTAS DE CRÉDITO.

RECEBE DEPOSITOS Á ORDEM E A PRASO FIXO, ABRE CRÉDITOS EM CONTA CORRENTE E EFECTUA TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS.

Telephones { DIRECÇÃO ... 159  
CONTABILIDADE 3070

LISBOA (Portugal)